

A PERCEPÇÃO DA APRENDIZAGEM: PROCESSOS E IMPACTOS NOS TERCEIROS E QUARTOS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Luana Haas¹
Sônia Bonelli²

RESUMO

Esse artigo aborda a importância de compreender os processos de Ensino e Aprendizagem e seus impactos, a partir da percepção de professoras do 3º e 4º ano do Ensino Fundamental, de uma Escola da Rede Privada de Porto Alegre. Destacam-se conceitos sobre os processos de Ensino e Aprendizagem, a construção social da infância, o desenvolvimento infantil e a perspectiva de aprendizagem a partir de conceitos da neurociência. A educação nessa fase inicial é fundamental para o desenvolvimento das crianças, sendo um período crucial para a construção de futuros aprendizados, com isso o estudo explora a importância de aprender e como as metodologias e estratégias abordadas pelos professores influenciam o desenvolvimento dos alunos. O trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa qualitativa, com dados empíricos coletados por meio de um questionário online. Os principais autores utilizados foram Jean Piaget, Lev Vygotsky e Phillippe Áries. A pesquisa realizada, revela que é crucial que os professores possuam uma base teórica sobre o desenvolvimento infantil e os processos de aprendizagem, pois isso permitirá o planejamento de estratégias mais eficazes, respeitosas e que promovam um aprendizado significativo.

Palavras-chave: Processos de Ensino e Aprendizagem; construção social da infância; desenvolvimento infantil; perspectiva da aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

O tema proposto, "A percepção da aprendizagem: processos e impactos no 3º e 4º ano do Ensino Fundamental.", surge com o objetivo de compreender a perspectiva dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, de uma escola da Rede Privada de Porto Alegre, sobre a importância de aprender, bem como explorar de que modo essa percepção impacta nos processos de ensino e aprendizagem no dia a dia na sala de aula.

A educação nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental desempenha um papel significativo no desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças, sendo um período crucial para a construção dos aprendizados futuros. Entretanto, é essencial investigar como os profissionais da educação percebem o processo de aprendizagem e como essa prática é desenvolvida e compreendida em sala de aula com os alunos. As abordagens e metodologias que os professores utilizam para dar conta de conteúdos estabelecidos na Base Nacional Comum Curricular, no Projeto Político Pedagógico da instituição de ensino, além de outras matrizes curriculares, os deixam diante de uma complexa

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: l.haas@edu.pucrs.br

² Orientadora: Coordenadora do Curso de Pedagogia e Professora adjunta da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: sbonelli@pucrs.br

e multiplicidade de demandas. Os professores diariamente encontram desafios que precisam equilibrar para que seja possível realizar o cumprimento das diretrizes curriculares com as necessidades individuais de seus alunos nos seus processos de Ensino e Aprendizagem, sendo essas demandas particulares de cada aluno que constitui uma turma. Para dar conta disso, é necessário que as abordagens pedagógicas sejam flexíveis e adaptáveis, pois o processo de Ensino e Aprendizagem não depende apenas do domínio dos conteúdos, cada estudante traz consigo uma bagagem única de experiências, conhecimentos prévios e diferentes maneiras de aprender.

Tendo em vista que os processos de Ensino e Aprendizagem acontecem a partir da aquisição de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes através do ensino ou da experiência, a construção de conhecimentos em sala de aula deve se constituir de forma gradativa adequando-se a cada estágio do desenvolvimento da criança. O professor deve oportunizar situações de aprendizagem em que o aluno participe ativamente desse processo, ainda que a fonte desse conhecimento possa estar tanto no exterior (meio físico, social) como no seu interior.

A partir disso, entende-se a importância de compreender a infância para estudar os processos da aprendizagem. O conceito de infâncias representa tanto um conceito cultural quanto biológico. Na história da humanidade, crianças com mais de sete anos foram tratadas como pequenos adultos. Para Narodowski (1993) a infância é um fenômeno histórico e não meramente natural, e as características dela no ocidente moderno podem ser esquematicamente delineadas a partir da heteronomia³, da dependência e da obediência ao adulto em troca de proteção.

A crítica do autor sobre esse modelo de educação tradicional, que tende a reforçar a obediência e a conformidade, em vez de estimular a emancipação e o desenvolvimento da autonomia da criança, nos permite, refletir sobre a necessidade do desenvolvimento de uma proposta pedagógica para as crianças, que seja respeitosa e que aborde uma construção social da infância e de seus processos de Ensino e Aprendizagem.

2 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA INFÂNCIA

Phillippe Ariès (1978) importante referência sobre os estudos da infância, aborda uma nova forma de conceber a infância, a sociedade e as relações sociais. O autor dialoga sobre a infância fazer parte da organização estrutural da sociedade e que nem sempre existiu da maneira como a conhecemos. Os discursos instalados de maneira estrutural na sociedade nos fazem acreditar que a infância é algo que nos pertence, como se a infância fosse uma coisa individual, e não algo que faz parte da organização estrutural. Essas afirmações nos desafiam a perceber o conceito de uma infância simples e padronizada, que é muito presente no dia a dia na sala de aula, onde reforça-se as diferenças de uma maneira negativa e trata-se as potencialidades individuais de modo único como se todos os alunos que constituem uma turma fossem iguais. Fatores

³ Heteronomia: É vista como um mecanismo de controle que define as práticas pedagógicas modernas, onde a criança deve seguir as diretrizes impostas pela instituição escolar e pela sociedade, sem autonomia plena para participar ativamente da construção de seu próprio saber. (BECKER, Fernando. Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. **Educação & realidade**. Porto Alegre, v. 19, n. 1, jan./jun., p. 89-96, 1994.)

esses que acabam rompendo as distintas abordagens que oportunizam o aprendizado, esse fato é rotineiro em uma sala de aula onde todos os alunos precisam realizar a mesma proposta desenvolvida pelo professor de modo padronizado e sem poder realizar um movimento com suas próprias contribuições, o que acaba ocasionando o desrespeito ao desenvolvimento de cada criança dentro de seu contexto social, emocional e cognitivo.

A construção social da infância implica em definições e percepções sobre o que é ser criança, as expectativas, os direitos, os comportamentos aceitos, que são diariamente moldados pela cultura, economia, educação e leis de uma sociedade. Com o tempo, especialmente a partir do período pós-medieval, surge o sentimento de infância, um reconhecimento de que as crianças precisam de cuidado, proteção e educação. Essas palavras nos mostram, então, comportamentos do período estudado pelo autor Ariès (1978), que devem ser levados em conta para entender a origem do sentimento da infância e também sobre o primeiro momento de escolarização. É a partir do século XVI que temos então essa mudança: as crianças passaram a frequentar a escola, em vez de se dirigirem às casas de outras famílias para receber ensinamentos para que rapidamente fossem integradas ao mundo do trabalho e das responsabilidades adultas. Para Ariès (1981, p. 11):

[...] isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. A despeito das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estenderia até nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização

Dessa forma, a infância, como conhecemos e entendemos hoje, é vista como uma fase de desenvolvimento, de aprendizagens, que valoriza a autonomia e é o resultado de uma construção histórica. Isso significa que a maneira como as crianças são tratadas, educadas e compreendidas está em constante transformação e está diretamente conectada conforme as condições sociais e culturais mudam. Sobre isso, refletimos que crianças do 3º e 4º ano do ensino fundamental começam a ter suas aulas organizadas cada vez mais com conteúdos teóricos e, cada vez menos vivenciam experiências que promovam o desenvolvimento integral do seu processo de Aprendizagem. Nessa etapa escolar, fica evidente que é iniciado um processo de sistematização e memorização de conteúdos para que nos anos seguintes do Ensino Fundamental, a criança dê conta de novas demandas, de novas sistematizações e memorizações de conteúdos. Nessa etapa do Ensino Fundamental também a criança passa a ser mais exposta e não é respeitada dentro de seu estágio de desenvolvimento. Percebe-se um rompimento na evolução da construção social da infância, sob a perspectiva de prepará-las para uma etapa seguinte, que no momento ainda é uma realidade muito distante.

Esse rompimento reflete abordagens e metodologias dos processos de Ensino e Aprendizagem em que a criança precisa aprender alguns conteúdos que serão pré-requisitos para os anos seguintes. No entanto, esses conteúdos, muitas vezes não fazem sentido para a criança, devido a fase do desenvolvimento em que se encontra. Não são valorizadas outras experiências

e vivências, que poderão fazer sentido para a sua aprendizagem atual ou as que se seguirão.

2.1 O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Compreender o desenvolvimento infantil na faixa etária correspondente ao seu ano de ensino é essencial para a elaboração de um planejamento que proporcione experiências e vivências significativas, alinhadas às necessidades e ao estágio de desenvolvimento próprio desse período. O desenvolvimento entre os 6 e 10 anos, faixa etária a qual esse artigo tem como ênfase, é marcado principalmente por avanços notáveis que refletem no crescimento físico, intelectual e social das crianças.

As mudanças físicas e de aprimoramento da coordenação são características que se desenvolvem e permitem a realização de atividades mais complexas, como praticar esportes com regras, dançar e aprender habilidades motoras que ainda não são dominantes. Essas conquistas não apenas auxiliam na execução de tarefas diárias, mas também são responsáveis pelo fortalecimento da sua autoconfiança e independência. Já as mudanças intelectuais, apresentam a estruturação de um raciocínio lógico, onde as crianças são capazes de analisar diferentes aspectos de uma mesma situação, entendendo melhor as relações de causas e efeitos. Consequentemente a curiosidade nesta faixa etária está em seu auge, o que é uma característica de extrema importância, pelo estímulo que oferece a novas descobertas e aprendizagens, que quando valorizadas muitas vezes acompanham experimentações criativas e perguntas incessantes sobre o mundo ao seu redor.

No âmbito emocional, as crianças demonstram uma forte necessidade de agradar pessoas próximas, como seus professores e amigos, bem como seus entes queridos, como pais e familiares, buscando serem reconhecidas por terem um bom comportamento, como o cumprimento de orientações ou pelo seu bom desempenho em atividades. Com isso, começa a se desenvolver também as noções de empatia de uma maneira mais evidente, pois as crianças passam a se colocar no lugar dos outros, especialmente em situações que envolvam tristezas ou angústias. Esse avanço emocional também traz novos desafios, como o surgimento de constrangimentos e medos em relação a situações desconhecidas ou que envolvam notícias trágicas. Socialmente, as amizades se tornam mais sólidas, promovendo o aprendizado de habilidades essenciais, como compartilhar, realizar trocas e respeitar regras em brincadeiras, no entanto, esses laços também podem trazer conflitos, como desentendimentos ou até sinais de bullying (Brites, c2024).

Por fim, de acordo com a autora (Brites, c2024), o desenvolvimento da linguagem e da comunicação atingem novos níveis nessa etapa, o vocabulário fica mais amplo e se atinge uma maior capacidade de expressão verbal. Com isso, a leitura desempenha um papel central pois potencializa o aprendizado de palavras e a elaboração de pensamentos, o que oportuniza a se expressar de forma mais detalhada, narrando experiências diárias, contando e recontando histórias e, também, opinando sobre assuntos de seus interesses. O desenvolvimento infantil é, portanto, um processo dinâmico com muitas

evoluções que acontecem a partir da própria curiosidade da criança, de suas observações e da prática do dia a dia em seu contexto familiar, escolar e social, o que gera um grande impacto refletindo diretamente na forma como as crianças aprendem e interagem com o mundo.

Desde cedo, as crianças aprendem por meio da exploração, observação e imitação. Na etapa do 3º e 4º ano do ensino fundamental as crianças estão na fase do desenvolvimento de operações mentais mais lógicas, a criança começa a resolver problemas concretos e entender conceitos como a conservação, ou seja, a compreensão de que a quantidade de um objeto permanece igual, mesmo quando sua forma muda (Piaget, 1998). Nessa fase a criança também se torna mais capaz de realizar operações mentais em ideias concretas, embora ainda tenha dificuldades com conceitos abstratos. Elas constroem conhecimento ao se engajar com o ambiente, processando informações através de experiências sensoriais, sociais e motoras. As interações com adultos e com outras crianças são cruciais, pois permitem que a criança descubra, teste hipóteses e desenvolva habilidades cognitivas e emocionais (Piaget, 1998).

De acordo com Piaget (1998) o aprendizado ocorre em estágios, nos quais a criança passa por diferentes formas de pensamento, começando com uma compreensão sensório-motora do mundo até alcançar formas mais abstratas de raciocínio. No início, as crianças assimilam novas informações ao relacioná-las com o que já conhecem, mas, com o tempo, elas também reorganizam suas estruturas cognitivas para acomodar novos aprendizados, o que contribui para o desenvolvimento de habilidades mais complexas. Os estímulos do ambiente, como a interação com os pais, educadores e o acesso a diferentes tipos de experiências, são essenciais para esse desenvolvimento. Essas questões serão abordadas na sessão seguinte, quando abordaremos a aprendizagem.

2.2 A APRENDIZAGEM

A teoria de Piaget enfatiza que compreender como a criança pensa e aprende é essencial para o planejamento de estratégias pedagógicas. Para conseguir desenvolver propostas que favoreçam o seu desenvolvimento, será necessário ter a compreensão dos processos que envolvem a aprendizagem e a sua consequente importância para que o processo de Ensino seja planejado de modo eficaz. Piaget (1998) interessou-se por compreender a fundo o raciocínio por trás das respostas de crianças, ele identificou, na prática, que o ser humano passa por quatro estágios desde o nascimento: o estágio sensório-motor de 0 a 2 anos, o pré-operacional de 2 a 7 anos, o operacional concreto de 7 a 11 anos e o operacional formal a partir de 12 anos. Nesse trabalho daremos ênfase ao terceiro estágio, operatório concreto, qual seja, dos 7 aos 11 anos.

No estágio de operações concretas, entre os 7 e os 11 anos, a criança consegue formular ideias, interpretar o mundo, o raciocínio lógico começa a se consolidar adquirindo mais autonomia para formular sua forma de pensar. **No estágio operatório formal que se inicia a partir dos 11 anos, a criança já é capaz de compreender ideias abstratas, conseguindo desenvolver empatia, pensar em consequências, formular hipóteses e resolver problemas.** Para o autor, o segredo de compreender a capacidade e o desenvolvimento humano está em observar as interações entre sujeito e o meio, isso é, o ambiente e o contexto de uma pessoa influenciam em sua formação (Piaget, 1986).

Para Piaget (2011), o conhecimento não é algo acabado e estável, mas está em constante transformação pelo sujeito que através da sua ação constrói conhecimentos indispensáveis na sua adaptação ao meio. O autor mostrou, mediante suas pesquisas, que todas as noções necessárias para exercer o conhecimento humano não são inatas nem transmitidas pelos adultos, elas são construídas. Ele mostra como elas se originam e como se desenvolvem progressivamente em função das ações do sujeito. Diante disso, o professor que faz uso das ideias desse autor pode compreender como o seu aluno assimila e acomoda informações e consegue transformá-las em conhecimentos. O professor que entende e abraça essa teoria permite ao aluno a oportunidade de ser sujeito ativo no processo de aprendizagem.

Isso acontece por meio de três funções biológicas, a adaptação (capacidade inata do ser humano) que está presente nas crianças bem pequenas, assimilação e acomodação. A assimilação ocorre quando o sujeito traz novas informações para dentro de si, integrando-as a estruturas mentais que já possui. É o ato de incorporar elementos do ambiente externo sendo elas informações, experiências ou estímulos de uma maneira que faça sentido dentro de sua compreensão atual. Por exemplo, uma criança que já conhece o conceito de pássaro pode ver um avião e, inicialmente, chamá-lo de pássaro, tentando encaixar a nova percepção dentro do que já sabe sobre elementos voadores. A acomodação, por sua vez, é o processo que ocorre em seguida, não é uma resposta direta para um novo estímulo, mas sim uma transformação interna que a criança realiza para adaptar suas estruturas mentais. Nesse caso, a criança percebe que o avião não é um pássaro. Muitas vezes após a etapa da assimilação, são necessárias certas modificações (acomodação) para uma verdadeira compreensão da situação encontrada (Ghedin, 2012).

Outro autor extremamente importante para compreender a aprendizagem é Vygotsky, as suas teorias e abordagens distintas no estudo do desenvolvimento humano, defendem que o aprendizado de um indivíduo está intrinsecamente ligado ao seu contexto histórico, social e cultural. Vygotsky (1989) nos traz que para aprender, construir conhecimentos e desenvolver-se como sujeito, o ser humano necessita interagir com outras pessoas, com o ambiente e com a cultura. Segundo o autor, as interações sociais se transformam em aprendizado por meio da mediação, definida como a ação que se estabelece entre o sujeito e o objeto de aprendizagem. Essa interação é viabilizada pelo uso de instrumentos criados pelas sociedades ao longo da história, que influenciam a estrutura social e o nível de desenvolvimento cultural. Além disso, os signos, como a linguagem, a escrita e o sistema numérico, desempenham um papel fundamental nesse processo, promovendo o desenvolvimento intelectual e cultural do indivíduo.

As ideias de Vygotsky (1989), possuem quatro conceitos fundamentais, a interação, a mediação, a internalização e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). A interação social é fundamental no processo de desenvolvimento cognitivo, pois o aprendizado ocorre por meio do contato com outras pessoas, especialmente aquelas com maior conhecimento ou experiência, no entanto o pensamento e a linguagem se dão por meio de trocas com o ambiente social, o que permite ao indivíduo construir e reorganizar conhecimentos. Essa interação é vista como o ponto de partida para o aprendizado, pois é na troca com os outros que o sujeito adquire novos conceitos e habilidades. Nesse sentido, a mediação é o processo pelo qual as interações sociais são transformadas em

aprendizagem, e são intermediadas por ferramentas e signos, como a linguagem, que auxiliam no desenvolvimento do pensamento. Segundo Vygotsky (1989), a mediação ocorre quando uma pessoa utiliza elementos culturais, como a linguagem e os símbolos, para se relacionar com o ambiente e construir conhecimento, a mediação é essencial porque as ferramentas culturais são adaptadas e recriadas pelas gerações, permitindo que o conhecimento humano evolua. Já a internalização é o processo pelo qual o indivíduo transforma as interações externas em estruturas mentais internas, Vygotsky (1989) defende que as atividades inicialmente realizadas em um contexto social ou coletivo se tornam gradualmente habilidades internas e autônomas que através da internalização é permitido que o sujeito leve para o plano mental o que foi aprendido em interações sociais, tornando-se capaz de usar essas informações de forma independente. A ZDP é um dos conceitos mais conhecidos de Vygotsky, definida como a distância entre o que uma pessoa consegue realizar sozinha e o que ela é capaz de fazer com a ajuda de alguém mais experiente, como professor ou colega. O aprendizado é mais eficaz quando ocorre na ZDP, pois o aluno está motivado e preparado para avançar, esse conceito se caracteriza pela importância do suporte adequado por parte do professor no processo de ensino, permitindo que os alunos tenham o suporte necessário para alcançar sua plena aprendizagem.

Nesse sentido, a neurociência também nos ajuda a compreender esse processo. De acordo com Corso *et al.* (2013) a aprendizagem é entendida como o processo de novos conhecimentos, habilidades, experiências e de informações. É preciso que ocorra a formação de objetivos e planejamento, a realização de um plano direcionado ao objetivo e um desempenho eficaz, além disso, é preciso uma atenção às memórias, que precisam ser consolidadas para que ocorra uma aprendizagem. Durante o processo de Aprendizagem, as sinapses no cérebro são constantemente ativadas e reforçadas à medida que novas informações, conhecimentos, habilidades e experiências são apresentadas e associadas a conhecimentos prévios. Segundo a autora, quando os professores promovem atividades que envolvem teoria e prática, essas conexões sinápticas se tornam mais fortes e eficazes, facilitando o armazenamento das informações na memória de longo prazo, além dessa memória, também é de grande importância o desenvolvimento da memória de trabalho que é usada para processar informações de forma temporária, mantendo-as acessíveis durante atividades de julgamento e resolução de problemas.

Sendo assim, ganha todo sentido e relevância a compreensão das habilidades metacognitivas e das funções executivas, que ampliam o entendimento sobre como a aprendizagem se processa. A metacognição, por exemplo, envolve o monitoramento, planejamento e regulação dos próprios processos cognitivos, com o objetivo de potencializar a compreensão e o raciocínio. As estratégias metacognitivas oferecem um caminho para que a criança torne sua aprendizagem ativa, refletindo sobre o que funciona e ir se ajustando, assim, aprimorando continuamente seu processo de aprendizagem.

A ideia de um currículo voltado para o objetivo de ajudar a pensar, por exemplo, propõe como eixo da organização curricular a potencialização das habilidades cognitivas e metacognitivas (Perrenoud, 1999). Para Cypel, (2006) as funções executivas nos ajudam na organização de capacidades e perspectivas dentro de um contexto com a finalidade de eleger um objetivo,

decidir o início da proposta, planejar as etapas de execução, monitorar as etapas comparando-as com o modelo proposto, modificar o modelo se necessário e, de avaliar o resultado final em relação ao objetivo inicial.

Ao compreender todo esse processo de como a criança aprende, percebe-se, enquanto professor, a importância do ensino e a organização do planejamento. Ao longo de nossa trajetória enquanto estudante e estagiária, conseguimos perceber lacunas nos planejamentos, as quais não permitiam uma aprendizagem significativa. Por outro lado, em outras instituições o planejamento ia ao encontro do que os autores citados abordam, ou seja, a potencialização das habilidades cognitivas e metacognitivas, permitindo uma aprendizagem significativa. Diante disso, ao examinar de que maneira o planejamento impacta nos processos de Ensino na sala de aula, será possível identificar fatores que podem potencializar ou dificultar a aprendizagem dos estudantes.

Quando os professores reconhecem os diferentes modos de aprender e como os alunos reagem a diferentes propostas com intencionalidade pedagógica que estimule a aprendizagem, conseqüentemente facilitam o desenvolvimento de habilidades cognitivas e passam a garantir que cada aluno terá uma oportunidade justa de atingir sua plena potencialidade em relação a sua aprendizagem. Por outro lado, ao examinar de que maneira a percepção da aprendizagem impacta nos processos de Ensino, podem surgir ainda mais dificuldades por parte do professor, pela complexidade de atender a múltiplos perfis em um ambiente coletivo, no qual o tempo e os recursos são limitados.

Esse fator coloca os professores, muitas vezes, em um posicionamento de enfrentamento, na pressão de cumprir currículos extensos, na consciência da falta de formação continuada para lidar com essas diversidades, que acabam limitando as suas intervenções pedagógicas, fazendo com que métodos tradicionais, menos inclusivos, prevaleçam ativamente em sua rotina (Freire 1996).

3 METODOLOGIA

Com o intuito de oferecer uma visão detalhada e fundamentada sobre como os professores do 3º e 4º ano do ensino fundamental percebem os processos de Ensino Aprendizagem e seus impactos, foi realizado um questionário de caráter investigativo que procurou sistematizar e organizar as informações diretas e objetivas sobre a realidade de percepções de professores em suas turmas de regência, sobre a aprendizagem de seus alunos.

A pesquisa de abordagem qualitativa foi adequada para que fosse possível explorar as percepções que são subjetivas, além de oportunizar que as experiências e interpretações fornecessem dados descritivos para serem analisados. Entre os principais fundamentos dessa abordagem de pesquisa, está a busca pela compreensão contextualizada dos fenômenos, a valorização da subjetividade e da diversidade de perspectivas dando ênfase na flexibilidade e na adaptabilidade do processo. Para Minayo (2014, p.57):

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam.

O questionário foi entregue para seis professoras do 3º e 4º ano do ensino fundamental, sendo três delas do 3º ano e as outras três do 4º ano, de uma escola da rede privada, localizada em um município do Rio Grande do Sul. O instrumento de pesquisa utilizado para coleta de dados foi um questionário estruturado, composto por 4 perguntas. As perguntas foram elaboradas para explorar as percepções dos professores sobre o processo de ensino e aprendizagem em sua prática pedagógica, e como percebiam esse impacto na aprendizagem dos alunos. FUNDAMENTAR O USO DO QUESTIONÁRIO COM JOAQUIM SEVERINO.

Apenas duas professoras das seis que receberam o questionário participaram respondendo as questões enviadas. As respostas obtidas ofereceram reflexões e análises sobre os questionamentos e indagações realizados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após o término do período de tempo para a participação da pesquisa, ao ver o número de professoras que participaram, ficou evidente que o engajamento às respostas do questionário tem uma significativa relação com o refletir e escrever sobre a prática docente, ou seja, não é uma tarefa comum. Segundo Libâneo (2005) entende-se que a reflexividade do professor precisa estar envolvida na conscientização da teoria e da crítica de sua realidade, precisando ter apropriação de teorias que forneçam subsídios para a sua prática. A reflexividade do professor envolve, antes de tudo, que é essencial ter propriedade de teorias que ofereçam subsídios para aprimorar sua prática pedagógica.

A primeira pergunta da pesquisa tinha relação com a descrição de como acontece o processo de Ensino e Aprendizagem em suas práticas docentes. As professoras descrevem o processo de Ensino como uma “construção que vai além da memorização”, enfatizando a “experimentação e a vivência”, também descrevem como uma “construção de habilidades e desenvolvimento de competências” enfatizando a “autonomia e criatividade”.

Percebemos em suas respostas, que ambas as professoras trouxeram elementos de sua prática pedagógica, sem entrar na descrição do processo de Ensino, apenas na questão da aprendizagem, quando se referem a experimentação, vivência, não memorização... para os alunos. E o ensino? Quais as estratégias para construção de habilidades e competências? Isso nos leva a acreditar que ambas, trazem os conceitos de ensino e aprendizagem como análogos, no entanto, sabemos que os conceitos de ensino e aprendizagem são diferentes, porém complementares (Vygotsky, 1998).

Piaget (1998), em sua teoria sobre o desenvolvimento, enfatiza que os processos de Ensino e Aprendizagem estão relacionados com o modo como as crianças constroem o conhecimento, o qual ressalta que a aprendizagem é um processo ativo de construção, no qual o aluno é protagonista. O ensino está efetivamente relacionado, no sentido de a professora organizar o planejamento e as estratégias ao encontro desse processo de aprendizagem.

A segunda pergunta tinha o intuito das professoras dialogarem sobre como as metodologias e estratégias pedagógicas são utilizadas diariamente em sala de aula. A professora A respondeu realizar “aulas práticas, levantamento de conhecimentos prévios, aulas dialogadas, de pesquisa, expositiva, atividades individuais e coletivas” e a professora B respondeu realizar “pesquisas sobre um determinado assunto, para construírem o que aprenderam e apresentarem aos colegas, muitos trabalhos em grupos, sala de aula invertida, construção de jogos e brincadeiras para trocarem com os colegas, rotação por estações com diferentes atividades e situações problemas”.

As propostas descritas pelas professoras evidenciam que, a participação dos alunos não é considerada e acrescentada durante a construção do planejamento das metodologias e estratégias. É possível identificar que são propostas realizadas de modo padronizado, pois não foram descritas que partem do interesse do aluno, sendo que as mesmas são utilizadas para desenvolver os processos de aprendizagem dos alunos. Tendo em vista que, a elaboração de um planejamento que proporcione vivências e experiências deve estar alinhado com os estágios de desenvolvimento, a curiosidade por exemplo, nesta faixa etária está em seu auge e nas propostas descritas pelas professoras pesquisadas, essa característica muito importante não foi citada. A partir disso, o estímulo para novas descobertas e aprendizagens é valorizado? As experimentações são oportunizadas? As perguntas incessantes sobre o mundo ao seu redor são acolhidas? Isso nos leva a reconhecer que ambas não contemplam a forma como as crianças aprendem e interagem com o mundo, aquilo que parte da sua própria curiosidade, da sua observação e da sua prática do dia a dia em contexto familiar, escolar e social (Piaget, 1986).

A terceira pergunta, vem ao encontro de refletir sobre quais das estratégias ou metodologias que as professoras citaram anteriormente causam maior impacto na aprendizagem de seus alunos e como ambas percebem esse impacto. As professoras responderam ser a estratégia de maior impacto, as pesquisas que são realizadas em duplas ou trios e a construção de material para apresentação. A professora A responde perceber esse impacto porque “os alunos se empenham, experimentam e descobrem” e a professora B responde que pode perceber “pelo interesse e desenvolvimento durante todo o trabalho e principalmente no momento da apresentação”.

Trazer as pesquisas e a apresentação do conteúdo delas, como estratégia de maior impacto, embora tenha um potencial para engajar os alunos e promover o aprendizado, essa estratégia não é capaz de promover uma garantia eficaz de aprendizagem. Isso se afirma, pelo fato das professoras não trazerem como são planejadas e como são mediadas as pesquisas realizadas, para que seja possível identificar que a assimilação e a adaptação dos novos conhecimentos estão acontecendo. Por outro lado, não podemos deixar de enfatizar que, o fato de as crianças pesquisarem, pode promover um protagonismo em suas aprendizagens, o que vai ao encontro de Piaget (1988), quando afirma que o aprendizado eficaz e significativo ocorre quando o aluno consegue assimilar e acomodar novas informações dentro de seus esquemas mentais já existentes, essa dinâmica permite que a criança não apenas entenda o mundo ao seu redor, mas também amplie sua compreensão e suas capacidades.

Ao responder a quarta e última pergunta do questionário, sobre o que julgam que é necessário para que o processo de Ensino seja significativo para a

Aprendizagem dos alunos, a professora A trouxe em sua resposta “ser prazerosa, divertida e vivenciada” e a professora B trouxe que “seja diversificada, lúdica e do interesse dos alunos”. As respostas destacam aspectos importantes, no entanto não abordam sobre o processo de Ensino que foi questionado, o que reforça a necessidade de o professor ter domínio teórico sobre a sua intencionalidade pedagógica, concluindo que um ensino significativo não depende apenas de ser lúdico ou prazeroso, mas de ser intencional e conectado aos processos eficazes, como dito por Freire (2004), que defende que a prática pedagógica deve ir além de apenas despertar o interesse ou tornar o ensino agradável, integrando-se a um projeto educativo que respeite e valorize o contexto dos alunos, incentivando a reflexão e a transformação.

Além disso, outro fator que foi identificado nas respostas das professoras pesquisadas foi a ausência de quatro conceitos, sendo eles, o desenvolvimento infantil, a metacognição, as funções executivas e a importância das memórias de trabalho e de longo prazo, que foram abordados ao longo desse artigo. Esses conceitos fundamentam sobre como a criança aprende e como funcionam os processos de Ensino e Aprendizagem. A ausência dos conceitos, apontam para uma limitação significativa na abordagem pedagógica descrita pelas professoras, ressaltando que o processo de Ensino verdadeiramente eficaz não se limita apenas em proporcionar experiências práticas ou lúdicas, mas inclui a estruturação de um planejamento de estratégias que desenvolvem as capacidades metacognitivas, fortalecem as funções executivas e gerem conexões neurais para o aprendizado. A complexidade do processo de aprendizagem evidencia a interdependência entre o desenvolvimento da criança e a necessidade de que tanto educadores quanto estudantes desenvolvam uma consciência sobre o ato de aprender a aprender.

Perrenoud (1999) através de seus estudos confirma que a metacognição oferta que o aluno desenvolva autonomia e habilidades de regulação cognitiva, elementos essenciais para um aprendizado significativo e contínuo, nesse sentido a metacognição funciona como um elemento presente no processo da aprendizagem para que seja possível, possuir o conhecimento dos próprios produtos cognitivos, isto é, o conhecimento que o sujeito tem sobre seu conhecimento. O aluno, na busca de regular os processos cognitivos, se depara com atividades que o desafiam, levando-o a ter uma aprendizagem.

As sinapses são responsáveis por desempenhar um papel fundamental na formação de memórias e no fortalecimento das conexões neurais. Fregni (2019 *apud* Costa, 2023) ressalta que o grande equívoco que alguns docentes cometem é o de se preocuparem majoritariamente com a quantidade de conteúdos, quando na verdade, quanto maior a capacidade de o aluno estabelecer relações de sentido entre os conceitos ampliando e solidificando conexões neurais, maior também a chance de ele vivenciar uma aprendizagem significativa, profunda e duradoura. Sem a presença desses conceitos em suas abordagens pedagógicas, há o risco de que o aprendizado se torne superficial e rapidamente esquecido.

Concluindo a reflexão sobre os conceitos não abordados pelas professoras pesquisadas, refletimos sobre a consequente ausência do fortalecimento das funções executivas, sendo essas funções as que desafiam e ampliam o planejamento. Segundo Cypel (2006) as funções executivas organizam as capacidades perceptivas, de memória e práticas dentro de um contexto, com a finalidade de: eleger um objetivo, decidir o início da proposta,

planejar as etapas de execução, monitorar as etapas, comparando-as com o modelo proposto, modificar o modelo caso necessário e avaliar o resultado final em relação ao objetivo inicial. A ausência dessas dimensões no discurso pedagógico reflete em um desafio importante no campo educacional, a necessidade de integrar práticas que desenvolvam o pensamento reflexivo para que o processo de ensino não se torne limitado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar o objetivo desse artigo, qual seja, compreender a perspectiva dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, sobre a importância de aprender, bem como explorar de que modo essa percepção impacta nos processos de ensino e aprendizagem no dia a dia na sala de aula, conclui-se, com a tessitura deste artigo, a relevância do professor do 3º e 4º ano do Ensino Fundamental ter conhecimento dos conceitos teóricos e práticos que deem conta de exemplificar e fundamentar como a criança em sua respectiva faixa etária, passa pelo processo de aprendizagem.

A partir do momento em que o professor entende e busca por um constante aprimoramento dos seus conhecimentos sobre a construção social da infância e suas transformações e evoluções, sobre o desenvolvimento infantil, sobre os processos de Ensino e Aprendizagem, buscando sempre a fundamentação de teóricos da educação, se apropriando da visão de teóricos da neurociência de como a criança aprende, inicia-se um movimento ativo no desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos, movimento esse, que é capaz de proporcionar que o planejamento de estratégias e metodologias deem conta de oferecer a plena oportunidade de uma aprendizagem eficaz e respeitosa.

O professor de Ensino Fundamental ocupa um papel muito importante na formação de um sujeito para que ele saiba como aprende, é nessa etapa de ensino em que se constrói o conhecimento, que influencia no pleno desenvolvimento durante os seus próximos momentos como estudante. O professor enquanto um agente facilitador da aprendizagem é o responsável por entender os diferentes jeitos que uma criança aprende e também por contemplar em suas aulas um ambiente em que o aluno explore suas potencialidades e individualidades.

Este artigo que buscou investigar as percepções de professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental sobre os processos de Ensino e Aprendizagem, e também, como esses impactam na aprendizagem dos alunos, teve como resultado em sua investigação que as percepções das professoras pesquisadas não coadunam com o referencial teórico pesquisado. Resultado esse que teve um impacto significativo, pois pode ser comparado com a realidade que foi vivenciada em práticas em diferentes escolas públicas e privadas durante minha trajetória enquanto estudante e estagiária, onde consegui perceber lacunas e desafios na abordagem educacional em algumas instituições de ensino.

Em suma, pode-se concluir que o processo de Ensino e Aprendizagem acontece da maneira como as professoras conduzem, adendo que, o processo poderia acontecer de um modo mais eficaz e significativo, o que tornaria as aprendizagens mais duradouras e interferentes. Isso se o conhecimento teórico de como se aprende, fosse utilizado como ferramenta principal durante o planejamento das professoras.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Ltc, 1981.

CORSO, Helena Vellinho *et al.* Metacognição e Funções Executivas: Relações entre os Conceitos e Implicações para a Aprendizagem. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 29, n. 1, jan./mar, p. 21-29, 2013. Em PDF.

FERNANDES, Domingos. Pela ideia da educação como um bem público. *In*: CHARLOT, Bernard *et al.* **Por uma educação democrática e humanizadora**. São Paulo: UniProsa; Lisboa: ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, Escola de Sociologia e Políticas Públicas, 2021. (v.1). p. 19-22. Disponível em: <https://movinovacaonaeducacao.org.br/wp-content/uploads/2021/09/por-uma-educacao-democratica-e-humanizadora.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2024.

NARODOWSKI, M. **Infância e poder**: a confrontação da pedagogia moderna. 1993. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/71898>. Acesso em: 27 nov. 2024.

PERRENOUD, Philippe. **Construir competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência da criança**. São Paulo: Editora Crítica, 1986.

GHEDIN, Evandro. **Teorias Psicopedagógicas do Ensino Aprendizagem**. Boa Vista: UERR Editora, 2012.

CYPEL, S. O papel das funções executivas nos transtornos da aprendizagem. *In*: ROTTA, N.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. (Eds.). **Transtornos da aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. xx-yy.

COSTA, Raquel Lima Silva. Neurociência e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], v. 28, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782023280010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/ZPmWbM6n7JN5vbfj8hfbfK/#>. Acesso em: 2 dez. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? *In*: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Org.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez; 2005. p.53-79.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BRITES, Luciana. Entenda o desenvolvimento da criança de 6 a 10 anos. **NeuroSaber**, Londrina, c2024. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/artigos/entenda-o-desenvolvimento-da-crianca-de-6-a-10-anos/#:~:text=a%2010%20anos,PENSAMENTO,foco%20dele%20em%20determinadas%20atividades>. Acesso em: 27 nov. 2024.